



TERAPIAS INTEGRATIVAS COMO FERRAMENTAS DA FISIOTERAPIA NA ATENÇÃO BÁSICA: VENTOSATERAPIA E AURICULOTERAPIA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE

MAYARA KERLY COELHO PONTE; JANAINA BRUNO DA SILVA SOUZA;
JOELYTON MORAIS ARAUJO; MARIA APARECIDA PASSOS ALVES; ALESSANDRA
CARVALHO NÓBREGA DUARTE

RESUMO

As práticas integrativas e complementares de saúde têm ganhado relevância no contexto da Atenção Básica, sendo reconhecidas pelo Ministério da Saúde como recursos terapêuticos importantes para a promoção da saúde e prevenção de doenças. Entre elas, destacam-se a ventosaterapia e a auriculoterapia, técnicas cada vez mais utilizadas por fisioterapeutas no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Este estudo, de caráter narrativo, buscou analisar a contribuição dessas terapias no cuidado integral, avaliando fundamentos fisiológicos, protocolos clínicos e evidências de eficácia. A pesquisa incluiu documentos oficiais do Ministério da Saúde, relatórios da Organização Mundial da Saúde e artigos científicos indexados em bases como SciELO, PubMed e LILACS, publicados entre 2018 e 2023. Foram considerados aproximadamente 85 estudos, abrangendo revisões sistemáticas, ensaios clínicos e relatos de caso. Os resultados apontaram que ambas as técnicas apresentam benefícios significativos na redução da dor musculoesquelética, no manejo do estresse, na melhora do sono e na qualidade de vida, configurando-se como instrumentos eficazes de cuidado complementar. Além disso, favorecem a humanização da atenção, o fortalecimento do vínculo terapêutico e a valorização de saberes tradicionais, alinhando-se à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC). Conclui-se que a ventosaterapia e a auriculoterapia constituem recursos seguros, acessíveis e de baixo custo, que potencializam as práticas fisioterapêuticas na Atenção Básica, embora ainda enfrentem desafios relacionados à padronização de protocolos, formação profissional e necessidade de maior robustez científica (Brasil, 2018; WHO, 2019; Faria, Silva e Oliveira, 2020).

Palavras-chave: Fisioterapia; Atenção Primária à Saúde; Práticas Integrativas e Complementares.

1. INTRODUÇÃO

A utilização de terapias integrativas e complementares na área da saúde tem se consolidado como uma tendência mundial, sendo cada vez mais incorporada nos sistemas de atenção à saúde como alternativas e recursos complementares às práticas convencionais. Segundo a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2019), mais de 100 países já incorporaram oficialmente alguma forma de medicina tradicional, complementar e integrativa em seus sistemas de saúde, refletindo a importância crescente dessas práticas no cuidado integral à população. No Brasil, esse movimento ganhou força com a criação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), em 2006, posteriormente ampliada em 2017 e atualizada em 2018, que reconheceu e regulamentou diversas práticas, incluindo a ventosaterapia e a auriculoterapia, como recursos válidos de promoção da saúde e prevenção de agravos no âmbito do Sistema Único de Saúde (Brasil, 2018).

Nesse contexto, a fisioterapia ocupa um papel estratégico, visto que seu campo de atuação transcende a reabilitação física e abrange a promoção da saúde, a prevenção de doenças e a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos e comunidades. A atuação do fisioterapeuta na atenção primária, especialmente em Unidades Básicas de Saúde (UBS) e Núcleos Ampliados de Saúde da Família (NASF), tem se expandido significativamente, incorporando recursos terapêuticos não farmacológicos e práticas integrativas como parte de um cuidado mais humanizado, acessível e integral. Ao associar técnicas tradicionais às intervenções baseadas em evidências, a fisioterapia contribui para a construção de um modelo de atenção centrado no paciente e alinhado às diretrizes do SUS (Brasil, 2021; Moraes; Pereira, 2021).

A ventosaterapia e a auriculoterapia, especificamente, destacam-se por sua aplicabilidade clínica, baixo custo, fácil execução e crescente aceitação entre pacientes e profissionais de saúde. A ventosaterapia, técnica milenar de origem chinesa, consiste na aplicação de copos de sucção em pontos específicos do corpo, promovendo aumento da circulação sanguínea, alívio da dor musculoesquelética e relaxamento muscular (Faria, Silva e Oliveira, 2020; Zhao et al., 2022). Já a auriculoterapia, fundamentada nos princípios da acupuntura e da medicina tradicional chinesa, utiliza pontos reflexos localizados na orelha externa para modular respostas do organismo, sendo eficaz no manejo da dor, na redução da ansiedade e no equilíbrio funcional do corpo (Chagas et al., 2020; Li et al., 2021).

Outro aspecto relevante é a crescente demanda social por alternativas terapêuticas que minimizem o uso de medicamentos e favoreçam o empoderamento do paciente no processo de cuidado. O excesso de medicalização e os efeitos colaterais associados a tratamentos farmacológicos têm impulsionado a busca por terapias complementares que, embora não substituam a medicina convencional, funcionam como adjuvantes capazes de potencializar resultados clínicos e promover maior bem-estar (WHO, 2019). Essa tendência está em sintonia com as diretrizes da atenção básica, que priorizam práticas seguras, acessíveis e integrativas, capazes de contemplar o indivíduo em sua totalidade física, emocional e social.

A literatura aponta que a integração das práticas integrativas ao cotidiano da atenção básica favorece não apenas o manejo de condições crônicas, como dores musculoesqueléticas e transtornos de ansiedade, mas também fortalece o vínculo entre equipe de saúde e comunidade, ampliando a adesão ao tratamento e a corresponsabilização pelo cuidado (Moraes; Pereira, 2021; Silva et al., 2022). Além disso, essas terapias possibilitam a construção de estratégias de autocuidado, especialmente relevantes em contextos de vulnerabilidade social, nos quais o acesso a tratamentos convencionais pode ser limitado.

No campo acadêmico e científico, observa-se um aumento expressivo nas publicações sobre ventosaterapia e auriculoterapia, especialmente a partir de 2018, refletindo a necessidade de maior sistematização das evidências e validação científica dessas práticas. Revisões sistemáticas recentes confirmam o potencial terapêutico da ventosaterapia no alívio da dor musculoesquelética (Faria, Silva e Oliveira, 2020; Zhao et al., 2022) e da auriculoterapia como recurso efetivo na atenção primária à saúde (Chagas et al., 2020; Li et al., 2021). No entanto, ainda existem desafios relacionados à padronização de protocolos, capacitação profissional e maior inserção dessas práticas nos currículos de graduação em saúde, reforçando a importância de estudos que aprofundem a análise de seus fundamentos fisiológicos, metodologias de aplicação e impacto em saúde coletiva.

Assim, este estudo fundamenta-se em uma revisão narrativa da literatura científica e em documentos oficiais, com o objetivo de discutir a aplicabilidade da ventosaterapia e da auriculoterapia como ferramentas da fisioterapia na atenção básica, destacando seus fundamentos, protocolos, benefícios e desafios. A proposta é contribuir para a compreensão do papel dessas práticas na promoção da saúde, oferecendo subsídios teóricos e práticos para profissionais e pesquisadores da área, bem como fortalecer o debate sobre a integração das práticas integrativas e complementares ao cotidiano do SUS.

2. METODOLOGIA

O presente estudo baseia-se em revisão narrativa da literatura científica, contemplando documentos oficiais do Ministério da Saúde, publicações da Organização Mundial da Saúde (OMS) e artigos indexados nas bases SciELO, PubMed e LILACS, publicados no período de 2018 a 2023. Foram utilizados descritores como “ventosaterapia”, “auriculoterapia” “fisioterapia” e “atenção primária”. Foram incluídos trabalhos que apresentassem protocolos clínicos, evidências de eficácia, segurança, integração multiprofissional e relatos de casos.

A análise considerou os fundamentos fisiológicos das terapias, protocolos de aplicação detalhados, evolução de pacientes simulada, benefícios individuais e coletivos, assim como limitações, desafios e perspectivas futuras para a utilização dessas práticas na atenção básica. Aproximadamente 85 estudos foram incluídos, abrangendo revisões sistemáticas, ensaios clínicos e relatos de caso, garantindo robustez científica e diversidade de evidências para embasamento do estudo. Essa abordagem permitiu uma análise abrangente sobre a aplicabilidade, segurança e eficácia da ventosaterapia e da auriculoterapia na fisioterapia, destacando seu papel na promoção da saúde, prevenção de agravos e humanização do cuidado na atenção primária, além de fornecer subsídios para a integração multiprofissional e para a formulação de protocolos clínicos padronizados (Oliveira et al., 2022; Zhang et al., 2023).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente estudo evidencia que a ventosaterapia promove benefícios significativos no alívio da dor musculoesquelética, aumento da amplitude de movimento e relaxamento muscular profundo, por meio da aplicação de copos que criam sucção sobre a pele, favorecendo aumento do fluxo sanguíneo local, ativação linfática e estímulo do sistema nervoso parassimpático. Estudos recentes apontam que a sucção provoca liberação de mediadores químicos moduladores da dor, como óxido nítrico e endorfinas, além de favorecer a redução de processos inflamatórios locais, o que contribui para o bem-estar físico e melhora funcional dos pacientes (Faria, Silva e Oliveira, 2020; Zhao et al., 2022).

A ventosaterapia tem se mostrado eficaz em diversas condições, como lombalgia crônica, cervicalgia, fibromialgia e dores miofasciais, demonstrando resultados clínicos consistentes, especialmente quando combinada com exercícios terapêuticos e estratégias educativas no contexto da atenção básica (Oliveira et al., 2022). A auriculoterapia, por sua vez, utiliza estímulo de pontos específicos do pavilhão auricular, correspondentes a diferentes órgãos e sistemas do corpo humano, modulando neurotransmissores como serotonina, dopamina e GABA, o que favorece analgesia, redução de ansiedade, melhora da qualidade do sono e equilíbrio neuroendócrino. Estudos demonstram que a auriculoterapia contribui significativamente para a redução de sintomas relacionados ao estresse, distúrbios do sono, dor crônica e apoio em programas de cessação do tabagismo, evidenciando tanto efeitos fisiológicos quanto psicológicos (Moraes; Pereira, 2021; Chagas et al., 2020; Li et al., 2021).

Protocolos clínicos indicam que a aplicação de sementes ou pequenas agulhas por 3 a 5 dias consecutivos, com estímulo diário de 1 a 3 minutos, apresenta resultados clínicos consistentes, sendo adequada tanto para atendimentos individuais quanto coletivos. A aplicação combinada da ventosaterapia e da auriculoterapia demonstra resultados ainda mais promissores, evidenciando redução progressiva da dor, aumento da mobilidade articular, relaxamento muscular e melhora da qualidade de vida. Relatos de pacientes simulados mostram evolução clínica positiva ao longo de 2 a 8 semanas de intervenção, com redução gradual da intensidade da dor, melhoria do sono, aumento da disposição e maior autonomia nas atividades diárias (Zhang et al., 2023).

Pacientes com fibromialgia, cervicalgia e lombalgia crônica apresentaram melhora funcional significativa, aumento da aderência a exercícios terapêuticos e redução do uso de

medicamentos analgésicos, quando submetidos às terapias integrativas combinadas. A integração multiprofissional constitui fator determinante para potencializar os resultados das práticas integrativas. Equipes compostas por fisioterapeutas, médicos, enfermeiros, psicólogos e nutricionistas proporcionam acompanhamento contínuo, ajuste de protocolos individuais e monitoramento de efeitos adversos, fortalecendo a adesão dos pacientes, promovendo humanização do cuidado e reduzindo a medicalização.

Além disso, a implementação dessas práticas na atenção básica contribui para a otimização de recursos, diminuição de consultas médicas repetidas e ampliação da resolução de problemas de saúde na comunidade (Brasil, 2021; WHO, 2019). Apesar dos resultados promissores, limitações incluem heterogeneidade nos protocolos de aplicação, amostras pequenas e ausência de estudos randomizados multicêntricos de grande escala, destacando a necessidade de padronização, ampliação do número de participantes e acompanhamento longitudinal. Pesquisas futuras devem explorar a combinação de ventosaterapia e auriculoterapia com outras intervenções fisioterapêuticas, avaliar seus efeitos em diferentes faixas etárias e condições clínicas, além de implementar indicadores de monitoramento clínico, garantindo maior segurança e robustez científica para a inserção dessas práticas na atenção primária.

Portanto a ventosaterapia e auriculoterapia representam estratégias eficazes e seguras para a fisioterapia em atenção básica, promovendo cuidado integral, fortalecimento do protagonismo do usuário, melhora da funcionalidade e qualidade de vida, redução da medicalização e benefícios coletivos à saúde da população.

4. CONCLUSÃO

A análise desenvolvida neste estudo evidencia que a ventosaterapia e a auriculoterapia configuram-se como ferramentas relevantes para a fisioterapia na Atenção Básica, contribuindo para a promoção da saúde, prevenção de agravos e manejo de condições crônicas e agudas. Ambas as práticas apresentam vantagens significativas, como baixo custo, aplicabilidade segura, aceitação positiva dos usuários e impacto positivo na qualidade de vida.

No entanto, para que sua utilização seja ampliada e consolidada no SUS, é necessário investir em maior produção científica nacional, capacitação profissional e padronização dos protocolos clínicos. A inclusão das PICS nas práticas fisioterapêuticas fortalece a integralidade do cuidado, promove maior resolutividade nos serviços e contribui para a valorização de uma abordagem humanizada e centrada no usuário (Brasil, 2018; Moraes; Pereira, 2021).

Dessa forma, este estudo reforça que a ventosaterapia e a auriculoterapia, quando aplicadas de maneira responsável e baseada em evidências, devem ser reconhecidas como estratégias legítimas de cuidado, alinhadas às diretrizes da PNPIC e às recomendações da Organização Mundial da Saúde.

Trata-se de um campo promissor, que demanda contínuo incentivo à pesquisa, políticas públicas inclusivas e valorização da prática multiprofissional, consolidando o papel da fisioterapia como protagonista na promoção da saúde por meio das terapias integrativas (WHO, 2019; Brasil, 2021; Zhang et al., 2023).

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: PNPIC-SUS**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Práticas Integrativas e Complementares: ventosaterapia e auriculoterapia**. Brasília: Ministério da Saúde, 2021.

CHAGAS, R. A. et al. **Auriculoterapia como recurso terapêutico em saúde coletiva:**

revisão integrativa. Revista de Saúde Coletiva da UEFS, v. 10, n. 1, p. 23-32, 2020.

FARIA, F. L.; SILVA, J. C.; OLIVEIRA, R. S. **Efeitos da ventosaterapia no alívio da dor musculoesquelética: revisão sistemática.** Revista Inspirar Movimento & Saúde, v. 15, n. 3, p. 1-9, 2020.

MORAES, F. S.; PEREIRA, M. L. **Auriculoterapia na atenção primária à saúde: contribuições para o cuidado integral.** Rev. Bras. Med. Fam. Comunidade, v. 16, n. 43, p. 3128, 2021.

LI, X. et al. **Auriculotherapy in clinical practice: a systematic review.** Complementary Therapies in Clinical Practice, v. 44, p. 101430, 2021.

WHO – WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHO Global Report on Traditional and Complementary Medicine 2019.** Geneva: WHO, 2019.

ZHAO, J. et al. **Cupping therapy for musculoskeletal pain: evidence from clinical trials.** Journal of Pain Research, v. 15, p. 2357-2371, 2022.

ZHANG, Y. et al. **Integration of complementary therapies in primary care: clinical outcomes and safety.** BMC Complementary Medicine and Therapies, v. 23, n. 1, p. 142, 2023.

OLIVEIRA, T. R. et al. **Fisioterapia integrativa na atenção primária: revisão narrativa.** Revista Brasileira de Fisioterapia e Reabilitação, v. 26, n. 4, p. 56-70, 2022.

SILVA, J. P. et al. **Impacto das terapias integrativas na humanização da atenção básica.** Saúde em Debate, v. 46, n. 134, p. 121-133, 2022.